16-17

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

movimento

QUINZENARIO

CINE
MATOGRAFICO

5$00

NALLY

E

BENAMOR

MARCAS DE
FAMA MUNDIAL

Entre as várias creações de 1934 destaca-se o MAGNIFICO BATON, cientificamente preparado, em todos os tons, à prova de beijos e delicadamente perfumados.

Sociedade de Perfumarias Nally, L.DA

Filial no Porto: Rua Sá da Bandeira. 136 - 2.° — Telefone, 6146

PORTO

SÃO JOÃO
MATINÉE
DE 22 DE FEVEREIRO
OU 1 DE MARÇO
DE 1934
50 %
2 ENTRADAS

LISBOA

ODEON
QUALQUER MATINÉE
ATÉ
1 DE MARÇO
50 %
1 ENTRADA

CENTRAL
MATINÉE
DE 23
DE FEVEREIRO
50 %
1 ENTRADA

CONDES
QUALQUER MATINÉE
(Excepto aos Domingos)
ATÉ
1 DE MARÇO
25 %
1 ENTRADA

TIVOLI
MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934
30 %
1 ENTRADA

COIMBRA

TEATRO AVENIDA
MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934
30 %
1 ENTRADA

BRAGA

TEATRO-CIRCO
MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934
50 %
1 Entrada de plateia

AVEIRO

TEATRO AVEIRENSE
MATINÉE
DE 25 DE FEVEREIRO
DE 1934
30 %
1 ENTRADA

TOMAR

— TEATRO — DE TOMAR
SOIRÉE
DE 22
DE FEVEREIRO
DE 1934
25 %
1 ENTRADA

— TEATRO — DE TOMAR
SOIRÉE
DE 1
DE MARÇO
DE 1934
25 %
1 ENTRADA

FIGUEIRA DA FOZ

TEATRO PENINSULAR
SOIRÉE
DE 22
DE FEVEREIRO
30 %
1 ENTRADA

TEATRO PENINSULAR
SOIRÉE
DE 1
DE MARÇO
30 %
1 ENTRADA

OVAR

CINE-OVAR
MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934
50 %
1 ENTRADA

Vila do Conde

TEATRO AFONSO — SANCHES —
QUALQUER MATINÉE
ATÉ
1 DE MARÇO
50 %
1 ENTRADA

ALGÉS

CINEMA KURSSAL
ESPECTÁCULO
DE 21
DE FEVEREIRO
50 %
1 ENTRADA

CINEMA KURSSAL
28 DE FEVEREIRO
50 %
1 ENTRADA

Famalicão

TEATRO OLIMPIA
QUALQUER SESSÃO
ATÉ 1
DE MARÇO
DE 1934
40 %
1 ENTRADA

Cruz Quebrada

CINE-PRAIA
QUALQUER
ESPECTÁCULO ATÉ
1 DE MARÇO
20 %
1 ENTRADA

movimento

quinzenário cinematográfico

números 16 e 17

Fevereiro

1 9 3 4

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manoel, 27
p ô r t o

p r o p r i e d a d e d e
armando e armando

a s s i n a t u r a s:
6 números — 9$00
12 números — 18$00
avulso 1$50

a d m i n i s t r a d o r e e d i t o r: a r m a n d o b a r r o s

r e d a c ç ã o e a d m i n i s t r a ç ã o: r u a e l i s i o d e m e l o, 28 — s a l a 4 — p ô r t o

ê s t e n ú m e r o f o i v i s a d o p e l a c o m i s s ã o d e c e n s u r a

MOVIMENTO

é impresso em papel fornecido pela casa

Cruz, Sousa & Barbosa, Lim.

Rua 31 de Janeiro, 165 - 1.° — Telefone, 2753 — PORTO

Sempre em armazem: Papeis para revista, livro e jornal.

Papeis de escrita, couchés, fantazias, embalagem, etc.

Cartolinas, papelão, cartão madeira, duplex, etc.

Agfa

RIOBOM

PELES DE LUXO

P O R T O

CAFÉ BEL

CASA DA AFRICA

Rua Sá da Bandeira, 343 ~ Telefone, 6256 ~ PORTO

OIÇA

A VOZ DO MUNDO

CROSLEY RADIO

CASA FORTE
S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281
Rua Santa Catarina, 20
Telefone, 2425 == PORTO

NOS SPORTS DE INVERNO

TRICOT NONPAREIL

Avenida dos Aliados, 116-2.°
PORTO

EDITORIAL

Dentro de breves dias estrear-se-á a primeira grande produção do «Bloco H. da Costa» que António Lopes Ribeiro realizou e se chamará GADO BRAVO. O presente número pretende completar o ambiente de interêsse e facilidade que temos creado à volta dêste filme. E isto porque temos a convicção de que, auxiliar um filme português é, ao mesmo tempo, auxiliar a produção cinematográfica nacional.

Muita gente se tem admirado com a larga publicidade feita nas páginas de «Movimento» ao filme do Bloco H. da Costa. É tolice. Esta publicidade é perfeitamente coerente com as nossas ideias. Primeiro, porque GADO BRAVO é um FILME PORTUGUÊS, digam o que disserem certos patriotas de trazer por casa; segundo, porque a inteligência e a actividade de H. da Costa são razões poderosas para lhe concedermos a nossa confiança; terceiro, porque GADO BRAVO não é um filme nacionalista, o que, para nós, tem uma importância enorme. Além destas, possuimos várias outras razões. Mas não interessa dizê-las, de momento.

Os desenhos do presente número de «Movimento», são da autoria de Carlos Carneiro, distinto pintor portuense e nosso querido amigo.

No próximo número, será GADO BRAVO criticado pelo nosso camarada Alves Costa, com absoluta imparcialidade, como sucede, de resto, com qualquer filme. É bom que todos se convençam de que a publicidade não impossibilita a crítica.

Feito êste número especial, «Movimento» está pronto a fazer outro, a propósito de qualquer filme, desde, é claro, que as nossas condições sejam aceites.

H. DA COSTA, *(director de produção)* — Desde 1926 que dedica exclusivamente ao cinema a sua prodigiosa actividade. Estabelecido em Paris, ràpidamente conquistou pelas suas extraordinárias qualidades de comerciante-artista, a confiança e a simpatia do meio, onde hoje ocupa um lugar de primeira plana. Raul Lopes Freire, Mello, Castelo Branco, a Sociedade Geral de Filmes, etc., devem-lhe os seus maiores êxitos. Assim começa a famosa «Selecção H. da Costa», marca que o público reconhece com o sêlo de garantia dum bom espectáculo. Em 1929, de acôrdo com uma firma alemã, produziu o filme silencioso «Fraulein Lausbub», trazendo Dina Gralla e Arthur Duarte a Portugal. Desempenhou um importantíssimo papel na produção da «Severa», gizando a parte técnica e comercial, pondo René Clair em contacto com Leitão de Barros, e ajudando-o financeira e desinteressadamente a concluí-la em circunstâncias particularmente difíceis. Póde dizer-se que, sem o valioso e oportuno concurso monetário de H. da Costa, a «Severa» nunca teria talvez ocupado as télas onde tem corrido. Nêsse mesmo ano, abriu em Lisboa a Agência Cinematográfica H. da Costa, que desde logo se notabilizou pela variedade e valôr dos seus programas, e que é hoje, sem dúvida, a mais importante casa portuguêsa de distribuição de filmes. Em 1932 inaugurou em Madrid a Cinematográfica H. da Costa, que possui a melhor instalação de todas as casas cinematográficas madrilenas, e dia a dia aumenta de expansão. Em Maio de 1933, fundou o Bloco H. da Costa, de que é presidente, iniciando em Junho a produção do filme «Gado Bravo», em vias de conclusão. H. da Costa pensa entregar-se de corpo e alma ao desenvolvimento da indústria cinematográfica nacional, contando construir ainda êste ano um estúdio e um laboratório de cinema, onde serão executadas as suas futuras produções. O cinema português conta nêste homem «dinâmico», como já lhe chamou um grande jornalista espanhol, um dos seus melhores esteios. É, com efeito, um cineasta completo, «doublé» dum lutador duma energia e duma perseverança raras. A par de isso, «homme du monde», fino espírito inteligente e culto, H. da Costa é bem o embaixador que o Cinema lusitano precisa de ter no estranjeiro, onde não póde estar mais bem representado no consenso internacional.

Uma entrevista com H. DA COSTA

H. da Costa não é apenas um comerciante, como muita gente certamente julga.

É uma criatura curiosa, culta, inteligente, que discute com o mesmo à vontade o preço dum filme ou o valor artístico de qualquer obra, seja de cinema, de teatro, de pintura ou de qualquer outra arte. Tendo vivido longos anos em Paris, habituou-se já a vêr a vida com aquela superioridade que distingue as pessoas civilizadas das que vivem em contacto com uma civilização inferior.

Fui entrevistá-lo para o «Movimento».

Pedi-lhe, logo de entrada, que me dissesse tudo o que havia de definitivo sôbre a distribuïção e exibição de «Gado Bravo» no estranjeiro.

— Bem — disse H. da Costa, oferecendo-me um cigarro — comecemos então pelo princípio.

Em Portugal «Gado Bravo» estreia-se após o Carnaval, deixando primeiramente passar aqueles dias em que tôda a gente está fatigada e em geral não vai a espectáculos.

Em Espanha, como em Portugal, o filme é distribuïdo pela Agência H. da Costa e deve sêr apresentado em Madrid, no Cine de la Opera, por todo o mês de Março.

— Considera a Espanha um bom mercado para «Gado Bravo»?

— A Espanha é, dum modo geral, um esplêndido mercado cinematográfico.

Além disso, e ao contrário do que vulgarmente se supõe entre nós, tem pelas coisas portuguesas um especial interesse.

Juntando a isto o facto de «Gado Bravo» ir mostrar um ambiente que apaixona os espanhois mais que nenhum, creio poder garantir-lhe que o nosso primeiro filme fará em Espanha uma esplêndida carreira, tanto mais que estou francamente convencido de que «Gado Bravo» deve possuir todas as qualidades que só por si garantem o êxito comercial e artístico duma película. E em Espanha, onde se sabe vêr cinema, «Gado Bravo» será, tenho a certeza, muito bem recebido. No Brazil, onde montaremos uma agência, o filme será também explorado por nós, assim como em França.

Em Paris, depois da costumada exibição particular dedicada à crítica e a certos intelectuais, será apresentado numa sala de primeira categoria especializada em filmes de ambientes exóticos, onde passará com legendas sôbre-impressas em francês, que é o sistema preferido pelo público duma certa categoria.

Depois será exibido em alguns cinemas de *quartier;* para êstes, assim como para a província, é natural que se faça um *dubbing* em francês.

Na Austria, na Hungria, na Checo-Eslováquia, na Lituânia, na Estónia e na Finlândia será «Gado Bravo» distribuído pela «Universal».

Uma antiga e conhecida firma sueca, a «Shveska», encarrega-se da sua apresentação na Yugo-Eslávia, Romenia, Suissa e Holanda.

Na Argentina, será apresentado pelo agente da Ufa naquele país sul-americano.

Acabo de lhe dizer o que está definitivamente resolvido.

Mas em breve teremos concluidos contratos para a apresentação do «Gado Bravo» na América do Norte, especialmente nas cidades onde existem numerosíssimas colónias portuguesas, assim como na América Central, mercado que não se pode nem se deve desprezar.

Temos ainda outros países, como a Inglaterra, para os quais trataremos depois da sua apresentação.

— Pelo cuidado com que a distribuïção de «Gado Bravo» no estranjeiro foi tratada, depreende-se que o mercado português, ou mesmo os mercados português e brazileiro, não bastam à produção nacional.

— Certamente. O mercado português não é suficiente, sequer, para compensar as despêsas dum fonofilme nacional, senão em condições excepcionais.

Quanto ao Brazil, não nos devemos iludir com os resultados dos primeiros filmes portugueses lá exibidos. O sucesso dêstes filmes deve-se especialmente à nossa colónia, que acarinha tudo quanto vai de cá, e a um natural interêsse dos brazileiros pelas nossas primeiras produções.

Mas quando os écrans brazileiros começarem a sêr visitados com uma certa freqüência pelos nossos fonofilmes, o carinho dos primeiros e a curiosidade dos segundos baixarão com certeza.

Portanto, querendo que a nossa produção cinematográfica se estabeleça, devemos tratar cuidadosamente do mercado estranjeiro.

— E crê na possibilidade de o estranjeiro receber bem a nossa produção?

— Pois claro. Nós podemos oferecer aos estranjeiros coisas novas, motivos inéditos, e isto não deixará de atraír a sua curiosidade. E se os nossos filmes possuirem simultâneamente interesse espectacular para o grande público e um certo nível artístico, serão recebidos da mesma forma porque o são os dos outros países produtores.

É portanto indispensável dar aos nossos filmes, de qualquer forma, interesse internacional e cuidar escrupulosamente da sua qualidade artística.

— A sua opinião pessoal sôbre o «Gado Bravo»?

— Compreende que eu sou muito mais que suspeito.

Todavia deixe-me dizer-lhe com tôda a sinceridade que estou entusiasmado.

De resto, isto não me surpreende.

Como sabe, há muitos anos que eu sou um profissional do cinema, e que tenho convivido, de perto, com alguns dos mais notáveis realizadores, artistas, etc. E no momento em que resolvi organizar a minha produção, procurei naturalmente rodear-me dos elementos que mais garantias me ofereciam. Não me meti nesta emprêsa com o entusiasmo quási sempre inconsciente do amador, mas antes com a calma experimentada do profissional.

É por isso que o meu entusiasmo por «Gado Bravo» não me surpreende.

Cheguei há dias de Paris onde vi projectar quási todas as cênas do filme, que me satisfizeram absolutamente.

H. da Costa refere-se depois o mais elogiosamente possível a todos os que trabalharam no filme, salientando António Lopes Ribeiro que, na sua opinião, ficará sendo o primeiro realizador português depois da apresentação de «Gado Bravo». A minha conversa com H. da Costa durava quási uma hora. Despedi-me. E agora, gentes, vamos lá a vêr «Gado Bravo», que para ansiedade já basta.

eduardo nogueira

Conversando com M.ME H. DA COSTA

Eu imaginava que uma «Mulher de Negócios» não podia deixar de ter um impertinente ar de superioridade, uma voz desagradàvelmente áspera, modos bruscos, deselegância e um trajo feiamente masculinizado.

É êste, de resto, o retrato que em Portugal vulgarmente se pinta das senhoras que preferem ao *rame-rame* caseiro a vida agitada dos negócios, ao socêgo do *seu cantinho* a barafunda, aliás agradàvel, dum escritório. E não se concede que possua distinção de maneiras e afabilidade de trato, que converse com simplicidade uma senhora que tomou tal atitude, que teve tais preferências...

Pois por assim pensar, nos poucos minutos de espera, impostos pelos afazeres de Madame H. da Costa, ao lembrar-me que ia entrevistar uma «Mulher de negócios», senti-me verdadeiramcnte pouco à vontade e estive, vai-não-vai, para mandar ao diabo o jornalismo cinematográfico.

Contive-me, porém; e felizmente, porque em breve pude verificar quanto eram destituidos de razão os meus juísos.

Madame H. da Costa, sorridente amável, convidou-me a ocupar o cómodo *maple* fronteiro ao seu.

Instalei-me. A conversa começou simples, despreocupada, agradável — para mim. E a cada instante decorrido mais eu me censurava intimamente pela opinião leviana que formulara da Mulher que dirige um escritório ou vigia uma máquina. Não é o convívio constante com o mundo agitado dos negócios nem a atmosféra duma oficina que roubam à Mulher a sua graça natural ou a sua distinção.

Madame H. da Costa, Senhora gentilíssima e distinta, provou-mo irrefutàvelmente.

Ainda pensando assim, expliquei ao que vinha:

— «Gado Bravo» estreia-se brevemente. V. Ex.ª deve ter qualquer coisa interessante a dizer aos leitores de «Movimento».

Não, não tinha! De «Gado Bravo», em artigos, notícias e entrevistas, já tudo fôra dito. Agora havia apenas o seu entusiasmo, a sua confiança num grande êxito compensador de todas as energias, de todas as boas vontades dispendidas.

Mas com o desejo de mostrar a sua simpatia por «Movimento» e pelos seus leitores, Madame H. da Costa prestou-se a responder a todas as minhas perguntas, a dar-me todas as informações que pedisse. Conversamos largamente. Saltando dum ponto para outro, com rapidês, sem procurar transições, Madame H. da Costa, sempre levada pelo seu entusiasmo evidente repetia a cada instante: «Vê?! Só bem lhe posso dizer».

Referiu-se a todos os intérpretes com palavras elogiosas e de satisfação. De Raúl de Carvalho disse:

— Quando o contratei afirmou-me convencido e lembrando-se do seu desempenho em *A mulher que ri:* «*Gado Bravo* vai ser a minha rehabilitação como actor de cinema». E posso assegurar-lhe que vai ser de facto uma indiscutível, uma meritória rehabilitação.

Um instante fiquei pensando nas possibilidades que Raúl de Carvalho, efectivamente, possui no cinema. Mas já Madame H. da Costa me cortava o fio ao pensamento, referindo-se à frescura graciosa de Nita Brandão; ao *accent* de Olly Gebaur, que lhe empresta novos encantos; à graça, à expontaneidade, à alegria contagiosa de Mariana Alves, «uma grande artista... porque não é actriz»; à comicidade de Siegfried Arno; à experiência de Artur Duarte; à naturalidade de Armando Machado...

Falou depois nas contrariedades que o estado do tempo lhes causava, atrasando a conclusão do filme: mais de um mês de chuvas em Samora, em Carcavelos, em Alemquer...

— «Gado Bravo» tem cênas faladas em alemão?

— Uma única. E essa mesmo compreensível ao público português. Trata-se duma discussão entre Olly e Siegefried, numa sala. Atrás duma porta duas raparigas ouvem, e uma delas traduz à outra o que se diz. Já vê que o filme será integralmente compreendido por todos os portugueses — o que é natural, visto tratar-se duma produção portuguesa.

«E, a propósito, deixe-me dizer-lhe também que o programa em que figura «Gado Bravo» como *fundo*, será totalmente português. Para isso conservamos cá a aparelhagem sonora que nos permitirá a realização dos complementos indispensáveis. O espectáculo em que fôr apresentada a nossa primeira produção, não terá, pois, nem parcialmente, a colaboração de produções estrangeiras».

A conversa enveredou, nesta altura, para os projectos do Bloco. Com o entusiasmo que desde o início a animava, Madame H. da Costa afirmmou-me que a futura produção está assegurada, dispensando-se os artistas estrangeiros, sempre que o próprio argumento não os requeira. Quere isto dizer que a colaboração de artistas estrangeiros não é sistemàticamente adoptada pelo Bloco, mas condicionada pelas exigências da história que se pretende filmar.

O recurso aos técnicos estrangeiros continuará, porém, até que os nossos possam competir com êles, aproveitando as lições que êste convívio lhes trará.

Computa-se em três filmes de grande metragem a produção anual do Bloco. Como «Gado Bravo», serão todos, essencialmente, filmes de exteriores, enquanto se não realizar o grande sonho de H. da Costa e de sua mulher e preciosa colaboradora: a construção do estúdio.

E Madame H. da Costa baixou a voz para me revelar, como em segrêdo: — Perto de Lisboa, junto a uma linha de caminho de ferro, há uns terrenos... Enfim, meu marido anda entusiasmado — como eu, como todos que comnôsco têm trabalhado — e o estúdio há-de surgir mais cêdo do que muitos pensam... Não teve coragem para me pedir silêncio; Madame H. da Costa sabia bem que uma novidade destas não se guarda. E depois... não seria melhor levantar um pouco do véu que cobre o negócio, para tapar certas bôcas maldizentes, para confundir certos espíritos que desdenham?!

«Mistérios de Lisboa» ou um filme em episódios de António Lopes Ribeiro será a produção cuja filmagem o Bloco encetará após a estreia de «Gado Bravo»; à data desta entrevista — fins de janeiro — ainda o assunto não estava resolvido. Madame H. da Costa regressou ao assunto — «Gado Bravo», fulcro, afinal, de tôda a nossa conversa. E quando nos levantamos, a Senhora que gentilmente me atendera, roubando aos seus prazeres perto duma hora, ainda disse num sorriso:

— Apareça depois da estreia. Então serei eu a fazer a entrevista e hei-de vêr se «Gado Bravo» o não entusiasmou como me está entusiasmando a mim...

Para bem do cinema português fico desejando sinceramente que seja assim; fico desejando que a confiança de Madame H. da Costa se veja justificada no dia já próximo da estreia de «Gado Bravo».

alexandre serpa

M.me H. DA COSTA, *(Sub-direcção geral do Bloco)* — Principal colaboradora de H. da Costa em tôda a sua obra, M.me H. da Costa é também uma escritora de raros méritos literários. Sob o nome de M.me Buttuller da Costa publicou várias entrevistas sensacionais com os primeiros vultos da cinematografia internacional. Ainda estão na memória de todos os seus artigos numa revista portuguêsa da especialidade sôbre Eisenstein, Louise Brooks, Lilian Harvey, Brigitte Helm, Inkijinoff, René Clair, etc. O mimo, a agudeza, a fina intuïção com que essas diferentes personalidades foram observadas através da sua pêna, deram-lhe dum golpe o lugar da nossa primeira entrevistadora e, sem dúvida, da nossa mais brilhante escritora cinematográfica. Essas qualidades artísticas, que ela tem ocasião de cultivar junto das relações que o seu lugar lhe confere nos negócios de seu marido, não a impedem de colaborar nêstes da forma mais assídua e mais valiosa. M.me H. da Costa é o braço direito dêle, substituindo-o constantemente nas suas freqüentes deslocações, agindo como um perfeito associado, por todos os títulos competente e insubstituível. Dirigindo o escritório de Paris desde 1927, ocupa-se do de Lisboa, que felizmente tomára um incremento que não fôra previsto, desde 1931, ao lado de Francisco Correia de Mattos Júnior e Luís de Oliveira. Fundado o Bloco, M.me H. da Costa tomou a seu cargo a sub-direcção geral de essa máquina complicada que é um organismo de produção; tendo exercido, também, as funções de director de tomadas de vistas dos exteriores do filme «Gado Bravo», nas quais teve ocasião de prestar um concurso precioso à obra em questão. Todos que conhecem M.me H. da Costa, o seu espírito de eleição, a sua finíssima inteligência, larga cultura e trato afabilíssimo, sabem que, afinal, nem por se ser muito competente e treinada em negócios se perde o natural «charme» feminino, — quando realmente êle existe na alta dóse em que o possui esta senhora.

Atirar pedras... às estrêlas

Sabe tôda, ou quási tôda, ou muita gente, que a maior parte dos filmes da Greta Garbo são medíocres como cinema. A discutida beleza da heroína, o seu especial *sex-appeal*, o hermetismo da sua alma, a sua arte tão arbitrária e discutível como a sua beleza, a sua intuïção ou ciência nas cênas de voluptuosidade, a auréola que lhe fizeram jornalistas, literatos, reclamistas e cinéfilos — dispensam de ser bons os filmes que ela enche com a sua simples presença; com a sua simples personalidade, real ou criada. Quem vai ver um filme em que entre a Greta Garbo — não vai vêr cinema: Vai vêr a Greta Garbo. É freqüente ouvir-se, num dia em que se estreie um dos seus filmes: *«Vais vêr a Greta Garbo?» «Vais vêr a Greta?»* E reparo agora que, para falar dos filmes em que a Greta Garbo tem um papel, escrevi: *«Os filmes da Greta Garbo»... «Um dos seus filmes...»*

Sucede cousa semelhante com a Marlene. Exactamente para que viesse a suceder cousa semelhante com a Marlene, reclamaram-na logo como rival da Greta Garbo. E veio a suceder cousa semelhante com a Marlene. Quem não sente que o Sternberg, tão ricamente dotado, se apouca fornecendo-nos cinema em que nos forneça Marlene? Criou-se o tipo Marlene: Bela, distinta, fatal à moderna, simultâneamente apaixonada e distante, conhecedora da vida através de não sei que experiências dolorosas, rica, por isso, duma ironia e duma indiferença superiores, senhora duns olhos admiràvelmente expressivos e duma bôca apta aos mais subtis sorrisos, capaz de vestir calças com uma graciosidade perversa, cantando com grande falta de voz e grande confiança no sortilégio da sua *maneira*, — criou-se o tipo Marlene. E quem vai vêr um filme em que entra a Marlene — já não vai, agora, vêr cinema, nem vai vêr a realização, por vezes admirável, de Sternberg: Vai vêr Marlene, *esta* Marlene, a *nossa* Marlene. Sternberg sabe-o. E dir-se-ía que já não pensa senão em nos fazer a vontade, servindo-nos Marlene através de uma técnica ou boa ou óptima, e dumas histórias mais ou menos falsas. O pobre grande realizador acaba por ser uma espécie de intermediário entre Marlene e todos nós, que amamos Marlene: uma espécie de... Mas não digo a palavra, que é dura.

Com Charlot (embora nêle o caso seja outro, por êle ser o *seu* próprio intérprete e o *seu* próprio realizador) dá-se ainda cousa assimilável a estas: Poderá sustentar-se, um tanto paradoxalmente, que a maior fôrça e a maior deficiência dos filmes geniais de Charlot — é não serem senão êle: Êle com o seu bigodinho, o seu chapelinho, a sua bengalinha, a sua casaquinha, as suas sapatorras de sete léguas bem moídas, a sua desenfreada e satírica fantasia, o seu amargo humorismo, o seu dandismo natural e *gauche*, a sua observação inesgotável, o seu trágico e profundo conhecimento da situação dum homem alado entre os homens pé de boi...

O que sucede com êstes três astros, sucede com outros: de primeira, segunda, terceira grandeza. Mas êstes três exemplos me bastam para o que pretendo sugerir.

*

Tem-se pôsto em evidência e sujeitado à crítica a dependência em que o cinema se mantem do teatro. E nunca será demais pô-la em evidência, sujeitá-la à crítica: Não continua a abundar o cinema género drama, género comédia, género farsa, género opereta, género revista? Não parece Portugal querer impôr êste último género — o mais detestável — como especialidade nacional?

Têm-se pôsto em evidência e sujeitado à crítica o pêso exercido pelo industrialismo, o comercialismo, o capitalismo, sôbre a arte cinematográfica. E nunca será demais pô-lo em evidência, sujeitá-lo à crítica: Não continua a América a fabricar filmes em série, não procura cada nação o seu filão de oiro na produção dum certo género nacional de filmes rendosos, não prosseguem os realizadores engenhando filmes para o público, etc., etc? Não é eterna a luta entre os artistas e os comerciantes? E não é difícil, tão difícil como necessário, o justo equilíbrio das duas potências?

Ignoro se já se tem pôsto em igual pé de evidência, e igualmente sujeitado à crítica, esta terceira cadeia que tolhe ao cinema a sua liberdade: a tirania dos astros: o ofuscante fulgôr das estrêlas e o sufocante prestígio dos azes. Pois não julgo que seja inteiramente prègar no deserto — o prègar, contra estas cadeias, a favor da livre criação cinematográfica. Nunca é, em absoluto, prègar no deserto — o prègar nêste mundo. E ninguém pensa em suprimir a Greta Garbo ou a Marlene, deliciosas criaturas que tanta beleza têm criado, e tantas vezes têm feito o encanto dos nossos olhos. Ninguém pensa em patear êsse grande *petit* Charlot, que é um dos maiores artistas da nossa época. Pode, simplesmente, sonhar-se uma arte cinematográfica mais livre — eficaz pela mera expansão das suas características próprias. Pode aspirar-se a que o intérprete não afogue a própria composição cinematográfica, e se mantenha o que nunca devera deixar de ser: um elemento dessa composição. Porque fazer filmes *para* êste ou aquela intérprete — é ainda teatro; e é como escrever peças *para* êste actor ou aquela actriz. Será difícil, assim, que a arte cinematográfica ou a literatura dramática não percam.

*

Ah, que grande lição não dão a todo o mundo os filmes russos! E note-se que são filmes parciais, doutrinários, sujeitos a pré-conceitos. Mas dão uma grande lição a todo o mundo. É que os intérpretes, a fotografia, a natureza, os argumentos, as coisas, a montagem (não sei se tècnicamente me exprimo bem) — tudo nêles se equilibra e ajusta numa orquestração superior.

Sim, a obra de arte é unidade até através da diversidade, harmonia até de dissonâncias. E a boa obra de arte cinematográfica não resulta senão duma perfeita cooperação de elementos vários sob a direcção duma vontade criadora.

José régio

O valôr da païsagem no cinema

Entre muitas, de tantas alegrias que ao cinema devo, sobressai como impelido pela mola oculta da caixinha de surpresas, a que resulta do singular dinamismo que o cinema vem dar vida à païsagem, animando-a de expressões inesperadas e novas, directamente surpreendidas dela na escancarada totalidade da sua frescura, do seu colorido e da harmonia diversa e vária do seu desarranjo.

Um trecho de païsagem, qualquer que êle seja, aparece sempre na plenitude ferozmente idílica que da Natureza, forte, fecunda e pródiga, se destaca nestes urbanizados tempos, demasiado sumíticos e estéreis.

Quer fôsse captado entre a hostilidade das savanas do Texas ou do *far-west* americano, cortadas pela vida estouvada e incerta dos seus *cow-boys*; quer na planície monótona dos lhanos argentinos fustigada pelo ângulo agudo dos ventos pamperos; quer na desolação tostada do Saará, animado apenas pelo balouçar demorado e mole de palmeiras isoladas ou dos camelos de caravanserais tuaregues; quer no rumor abafado e quente, na húmida exuberância da selva equatorial, túmida de fermentações e seiva, expressas no enroscamento voluptuoso das lianas; quer enfim na vertigem do tumultuoso mar constrangido e petrificado dos maciços alpinos ou no isolamento disperso dos *atols* coralinos da Polinésia e o surpreendente primitivismo da vida dos seus indígenas — todos êsses trechos de païsagem, tudo, passa ante os nossos olhos pávidos e embevecidos.

Dum pronto, quási sem por isso dar fé, executamos a mais bela, a mais surpreendente e expressiva viagem de circumnavegação ao glôbo, com a vantagem acrescida de que a possibilidade dos contrastes a estabelecer se torna singularmente mais fácil e, por isso mesmo, mais proveitosa. O convívio com a natureza faz-se quási directo, e as surpresas do seu mistério mais flagrantes, o que nos dá garantias dum melhor, mais proveitoso, mais íntimo conhecimento do mundo.

Oh! quem poderá esquecer certos pormenores da estepe russa na «Troika», na «Ressurreição» e nos «Irmãos Karamazoff»; das ilhas do Pacífico no «Tabu» e na «Ave do Paraíso»; do interior africano no «Trader Horn», no «Congorila» e na «Voz de África»; das regiões polares na «Viagem de Bird ao Polo Sul» e em «Esquimó» e enfim de tôda a planura argentina ou americana nos filmes de Tom Mix e outros? Quem, para entrarmos já agora na civilização, não percorreu as artérias das grandes metrópoles até os bairros mais obscuros, mais esconsos e mais sórdidos, desde Paris ou Marselha, Roma ou Nápoles, Berlim, Londres, Atenas ou Varsóvia, até Buenos-Aires, Montevideu, Rio, Havana, Nova-York ou Chicago, desde Estocolmo ao Cabo, ou desde S. Francisco e Los Angeles a Hong-Kong e Xangai, de Vancouver a Melbourne? Dum pronto estabelecemos a convivência com os povos mais dispares e as raças mais antagónicas, desde os lapões e os samoiedos aos hotentotes e aos zulos, dos ortíacos e iacutos aos drávidas e maoris, dos esquimós e algonkinos aos guaranis e fuegeanos.

Tudo o cinema nos dá em duas horas incisivas e rápidas e por isso, àparte os grandes empórios mundiais da produção cinematográfica trabalhando para todo o mundo e portanto com todos os climas, todos os costumes e todas as perspectivas, as grandes empresas produtoras nacionais procuram exaltar o território nativo exibindo as excelências da sua païsagem, demais quando ostensivamente arvoram o rótulo infeliz — porque sôbre anti-estético, é salobro, ridículo e antipático mesmo — rótulo de país de turismo, que é como quem diz, traduzido em vulgata, um país divertido...

Fora do divertimento, porém, a païsagem exerce sôbre a nossa sensibilidade uma influência benéfica porque nos exalta e comove estremecendo-nos até à mais discreta intimidade do nosso ser, para deslumbramento dos nossos sentidos e suave quietude do coração.

Ora Portugal, àparte o caso anedótico do tal «país de turismo» cuja justificação vem, muitas vezes, de meia dúzia de estradas sofrivelmente alcatroadas, está indicado para oferecer ao cinema os motivos mais sugestivos e mais impressionantes, desde o nédio Minho, aboborado e saloio, tonificado a Pílulas Pink, feito de hortinhas e quintais — até à esquelética païsagem transmontana, fragarosa e alcantilada, própria para ninho de águias com os seus horizontes apocalípticos e fantásticos; ou desde a païsagem beirã demorada e grave, duma sobriedade de seivas e uma hierarquia de tons à qual bem iria o epíteto de *clássica* — até à insípida païsagem da nossa Extremadura, cariada pelo salitre das salinas ou pela esterilidade das dunas, fria, inerte, crua; ou finalmente, desde a epopeia da estepe alentejana, de asinho e abrunho, rasgada a todos os ventos, torrada por todos os sois, regada pelo suor dos ganhões destilado nos alambiques das musculaturas fortes, cheia de grandeza e carácter — até ao reflorir da primavera eterna da païsagem algarvia cheia de movimento e de côr, animada pelo aroma esparso das amendoeiras e dos laranjais em flôr, tôda a sua alma de rapariga púbere anunciadora de capitosas promessas...

Eis, entretanto, o que aos nossos escassos produtores cinematográficos não tem interessado, faltando assim, gravemente, ao seu dever, tanto mais que se alguma coisa de digno há para se ver e admirar, fora daquilo que no estrangeiro se pode ver e admirar melhor, é — além da poesia de três ou quatro poetas singulares nossos, um Gil Vicente ou um Camões, um Antero ou um Nobre — a païsagem, o espectáculo sem par da nossa païsagem, porque afinal é ela o único motivo de orgulho de sermos portugueses.

Bem andou, pois, António Lopes Ribeiro que para o Bloco H. da Costa acaba de realizar o seu primeiro filme «Gado Bravo», em escolher como principal motivo decorativo para a trama do mesmo, todo o imprevisto e todo o colorido da movimentada lezíria ribatejana, como documentário mais expressivo e feliz da païsagem portuguesa.

Êste será mesmo o processo mais inteligente dos portugueses trabalharem para o estrangeiro.

luís guedes

MAX NOSSECK, *(super-visor)* — Figurante, actor, aderecista. assistente em todos os graus, etc., Max Nosseck tocou, antes de se dedicar à realização, todas as notas da escala cinematográfica. O seu talento de realizador revelou-se por acaso, quando substituiu o «regisseur» dum filme que estava sendo filmado em plena India e se intitulava «Ohne Geld um die Welt». Em Berlim, dirigiu, alcançando êxitos retumbantes, vários filmes, nomeadamente «Liebes Vierblatt», «Die Kleine von Nebenhau», Einmal möcht ich keine Sorge Haben», «Es geht um alles» e «Der Schlemil», que passou em Portugal com o título «O Rei dos Aldrabões», entusiasmando os cinéfilos pela sua prodigiosa montagem e pelos seus «gags» graciosíssimos, que fazem dêsse filme o único europeu que póde equiparar-se aos grandes filmes cómicos americanos. Admira acima de tudo, como René Clair, a arte de Charlie Chaplin, com quem tem aliás marcada semelhança física e de quem é um felicíssimo emitador. Emigrado político, encontrava-se em Paris quando H. da Costa o convidou para super-visar a sua primeira produção portuguêsa, «Gado Bravo». Os portugueses encontraram nêle o mais afável e seguro dos conselheiros, não devendo ser esquècida a sua preciosa intervenção no filme. H. da Costa tenciona continuar trabalhando com Max Nosseck em filmes que projecta produzir no estranjeiro.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO, *(realizador)* — Iniciou em 1927 a sua carreira cinematográfica, assinando, com o pseudónimo «Retardador», a primeira secção de crítica humorística de filmes, publicada nos jornais de todo o mundo: a secção «Fitas faladas», do «Sempre Fixe». Convidado pelo «Diário de Lisboa» a dirigir uma secção de crítica «a sério» aceitou, chamando para o cinema as atenções da grande imprensa e do público culto. Em 1929, sendo então aluno do Instituto Superior Técnico, fez uma viagem de estudo a todos os centros cinematográficos europeus, visitando a Rússia, onde Einsenstein o convidou a freqüentar a G. T. K. o instituto cinematográfico de Moscou. De regresso a Lisboa, fundou o semanário cinematográfico «Kino«, que «lançou» em Portugal, com a «Imagem» (de que A. L. R. também foi um dos fundadores). o cinema sonoro. Colabora em grande número de publicações portuguesas e estrangeiras, não só como crítico cinematográfico, mas exercendo todas as modalidades do jornalismo e da crónica. Em 1933, fundou, com Mimon Anahory, os semanários «A Bola», «Animatógrafo» e «Senhor Doutor». Foi primeiro assistente de Leitão de Barros nos filmes «Lisboa» e «Maria do Mar», de que fez a planificação. Dirigiu as cênas filmadas em Portugal de «Fraulein Lausbub», realizada por Erich Schönfelder. Depois de «Gado Bravo», pensa realizar, também para o Bloco H. da Costa, de que é realizador contratado, o filme «Mistérios de Lisboa», segundo um argumento de sua autoria.

Cinema português, argumentos portugueses

Parece que já lá vai o tempo em que, em Portugal, a indústria das fitas não passava de sônho audacioso.

Pensar, nêsse tempo, em oficinas para fazer fitas, dava arrepios; e olhava-se para quem em tal aventura metia o seu rico dinheirinho como quem olha para atrevido aventureiro que, num golpe de sorte, se arriscasse a tudo perder ou ganhar.

E, afinal, nunca me constou que qualquer das emprezas que em tal indústria invertêsse capitais, visse diminuído o seu activo com os prejuízos do negócio.

E isto apezar de o negócio ter sido algumas vezes mal explorado, e o artigo não passar de autêntica sucata.

É que a indústria das fitas em Portugal teve algum tempo o privilégio das sessões de fado.

Ha um videirinho que precisa arranjar uns cobres? Nada mais fácil.

Aluga um teatro na ocasião fechado, contracta uma *cantatriz* em voga, um guitarrista e um violista; arranja lá pelo palco duas cadeiras mesmo velhas para os exímios professores; manda imprimir os programas e os bilhetinhos.

Depois, uns amigos, uns actores de quinta categoria na inactividade, e três ou quatro coristas em forçadas férias a passar os tais bilhetinhos... e no dia da cultura do hino da sordidez nacional aí está a casa à cunha.

Para completar o programa pedem-se de empréstimo a um orfeão dois ou três janotas que se esganiçam nuns tangos ou numas rumbas, — agora muito na berlinda; os tais senhores actores recitam o melro e cantam uma cançonêta brèjeira; os exímios professores tocam umas variações, e entra a bomba real, a consagrada cultivadora da enfezada fadistice nacional.

E no fim de tôda aquela miséria, a pedir muito mercúrio, quando não polícia correcional, o tal videirinho ganha sempre uns milhares de escudos para cujo desaparecer tem eternamente o recurso de outra sessãozinha.

Ora eu não quero de maneira nenhuma dizer que sejam videirjnhos aqueles que em Portugal têm procurado fazer cinema.

Mas não seria sincero se não dissesse que, entre a categoria do que de fitas portuguesas se via, e a das tais sessões de fado, a diferença para mim não vai além de um curto palmo.

Isto quanto a arte.

Quanto ao mais não ha comparação possível, porque enquanto o que se tem feito em cinema representa um esfôrço que convictamente reputo honesto, as tais fadistices gritam pelo menos — valha-nos Deus! — por uma grande série de 914.

Ora isto veio a pêlo dum pedido, género intimação, do Armando...

— Para o número especial um artigo: Cinema português, argumentos portugueses!

— Oh! filho, eu...

— Cinema português...

— Mas...

Já estava a intimar outro. E o certo é que o nosso director é pior que um oficial de diligências.

Pois comecei eu dizendo que, graças ao céu, já vai havendo cinema português.

A Severa foi uma formidável esperança; a *Canção de Lisboa*, se não deu a Cottineli Telmo, em quem eu sempre admirei a viva inteligência, as esporas de ouro de realizador, deu-nos porém a todos que pelo cinema nos interessamos, o direito de contarmos com êle como com um valente e proveitoso batalhador desta rude campanha em prol do nosso cinema.

De *Gado Bravo*, se metade da fita não desmentir o que em óptimas fotografias tenho visto, só direi que temos uma fita bôa, francamente bôa.

Mas agora que, pelo visto, já temos meios de fazer cinema em Portugal, porque não aproveitaremos os nossos escritores e os nossos romancistas para das suas obras tirarmos possiveis argumentos?

Suponho bem que todos teriam a lucrar.

Aproveitaria o cinema, pois que dentre os que melhor em Portugal teem feito romance podem os productores escolher o argumento capaz de interessar nacionais e estrangeiros e aquêle que, mais exclusivamente nosso ou mais românticamente lamecha, sirva apenas para a pequena fita para portugueses e brazileiros.

Ganharia o país porque da adaptação, ainda que feita com intenção muito cosmopolita, sempre havia de ficar muito do nosso carácter, e conseguiriamos talvez mostrar assim que nem todos os portugueses usam melêna fadista, nem freqüentam com mais ou menos assiduidade a Boa Hora ou S. João Novo.

E aproveitariam os nossos escritores que, além de verem abrir-se-lhes uma fonte de receita — o que, num país de pequenas tiragens, *aubaine* seria — teriam estímulo para procurarem produzir obra menos chegadinha à nossa brazeira serrana, como alguns, e mais cosmopolita, ainda que sem nada perder do que de bom e saüdável e risonhamente encantador ha no nosso carácter, nos nossos costumes e na nossa païsagem.

Temo-los já. E, que de momento me ocorram, suponho que boa obra se poderia fazer modificando um pouco a Cidade e as Serras, do Eça. E aí teríamos nós todo o snobismo chic do «grand monde» parisiense vencido, estrondosamente derrotado pela saüdável simplicidade dos nossos costumes rurais, aonde o senhor da terra é ainda, ou melhor, nunca deixou de ser, o conselheiro e o guia dos seus trabalhadores e o padrinho de todos os miudos.

Que rica propaganda do nosso país não daria êsse encantador romance, do melhor que as nossas letras possuem, nas mãos de um realizador inteligente e sabedor!

Mas querem mais?

— «O homem que matou o diabo», de Aquilino Ribeiro.

— «Céus de Fôgo», de Campos Monteiro, Filho.

— «Uma família inglesa», de Júlio Diniz.

E... e suponham que não me lembra agora mais nenhum. Mas ha mais, muitos mais, graças a Deus.

horácio pedro

António Lopes Ribeiro, para «Gado Bravo» transformou Olly Gebauer. Esta fotografia o prova. Até à data Olly fizera sempre papeis que a representavam boa rapariga, alegre, simples, simpática e sem malícia. Agora, pelo contrário ela é a «vampe» com tudo o que esta palavra tem de significação psicológica: preversidade, «sex-appeal», intenção sensual levada ao extremo em que passa a chamar-se «maleficio». Fez bem António Lopes Ribeiro? Teve razão? O futuro o dirá, mas cremos que sim. Pelo menos as fotografias que de Olly temos publicado, e esta entre todas, dão-nos o direito a esta crença.....

CANÇÃO SOBRE O GADO BRAVO

Olha a campina doirada
Pelo sol da Primavera!

Nos canteiros —
Nascem junquilhos aos mólhos;
E outras flores desabrocham
Como lágrimas de côres
Fulgindo nuns grandes olhos.

Ali —
Na verde relva,
À beirinha de um regato
Fugidio e palrador
Manoel Garrido
Mais aprumado e gentil
Espera a Olly Gebauer
— Sua amante e seu amor.

Entre campinos e toiros,
Nos vai-vens da valentia,
É vê-lo desempenado
No corcel de guerreiro a bater-se na fé
De conquistar o mundo
No olhar misterioso e profundo
Dessa mulher
Que êle quere
Apenas sua!

A noite cai suavíssima e clara.
No céu —
Paira o silêncio da lua.

«Bate, bate, ó silva verde,
Bate, bate, ó negra amóra;
Viva quem tem seu amôr
Cá na vila de Samora».

E o canavial ao vento
Diz a cantiga
Da lavadeira risonha.
— Não cantes mais, Mariana!
Siegfried, não a beijes;
«Amores de lavadeira»,
Às vezes trazem peçonha.

Mais além,
Debruçado na guitarra,
O Pascoal,
Na voz chorosa do fado,
Diz versos
Sôbre o mistério da vida.

— É um farrapo do amôr,
Sem ilusões, sem guarida.....

antónio botto